

DO RENASCIMENTO DE GOETHE EM VIAGEM À ITÁLIA À MORTE DE MACABÉIA EM A HORA DA ESTRELA: REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CIDADES

Maíra Honorato Marques de Santana ¹

Iêdo de Oliveira Paes ²

RESUMO

Além de Walter Benjamin elencar temas para compreender a modernidade, como a arquitetura, reconstrói a ideia do herói compreendendo-o a partir do cidadão comum da cidade. Influenciado por Baudelaire foca na figura do poeta e proletário como exemplo dos “heróis” da modernidade. Percebemos este mesmo paralelo nas caracterizações que Clarice Lispector faz de Macabéia, em *A hora da estrela*. Macabéia mesmo sofrendo de forte anulação, estereotipação e estigmas no espaço social que passeia é caracterizada como uma anti-heroína, subproduto da violência simbólica vivenciada nas cidades. Num caminho inverso de Macabéia (que é marcada pelo anonimato, mas não menos heróico), no nascimento do “novo Goethe” também está presente a nova identidade modernidade. Para além das observações tecidas acerca daquela paisagem e daquele aprendizado percebemos a necessidade que observa Goethe de compreender a literatura como algo universal. Goethe parte das coisas em separado, da experiência individual para o saber universal. Parte da observação das paisagens concretas para os objetos abstratos, os objetos artísticos, construídos pelo Espírito, e este percurso ancorado pelo conhecimento consiste a sua vivência heróica, como assinala Walter Benjamin acerca do espírito da modernidade. O mundo para o Goethe é sua morada, e para Macabéia um lugar de perigo e opressor. Observamos que a chave da diferença da vivência de ambos consiste no acesso ao conhecimento, o poder o qual detém a ciência na modernidade, é a chave hermenêutica para compreender a vivência das pessoas no novo espaço urbano, seja nos limites transnacionais ou dentro dos próprios limites da nacionalidade.

Palavras-chave: A hora da estrela, modernidade, cidades latino-americanas, Goethe, Viagem à Itália.

INTRODUÇÃO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS AUTORES

Este trabalho visa estabelecer uma comparação entre dois clássicos da literatura universal, que é o livro *Viagem à Itália* de Goethe e *A hora da estrela* de Clarice Lispector, na busca de estabelecer uma comparação a partir de uma chave para ambos os atores principais envolvidos nestes enredos, Goethe e Macabéia, que consiste no acesso ao conhecimento. Goethe faz o próprio movimento também presente na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, como também é um dos precursores da atitude fenomenológica, parte das coisas em separado, da experiência individual para o saber

¹ Mestranda pelo curso de Pós Graduação em Estudos da Linguagem - UFRPE na qualidade de bolsista CAPES, mairahms@yahoo.com.br;

² Doutor pelo Curso Letras pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Professor Adjunto do Departamento de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, iedopaes@yahoo.com.br

universal, certamente influenciado profundamente da convivência com autores que deram início ao romantismo alemão. Parte da observação das paisagens concretas para os objetos abstratos, construídos pelo Espírito, pela cultura até chegar à arte. O autor que é conhecido por inaugurar os preceitos da razão, na busca pelo conhecimento, já destacado em *Fasusto*, aponta neste último livro sobre a percepção do sensorial até a primazia da contemplação imanente. Este retorno à arte não deve ser mais sem uma técnica mediada, a partir da intuição, mas através de métodos para compreender profundamente a modernidade e a produção artística.

Num movimento inverso, resultado das críticas de Clarice Lispector a partir da vivência das pessoas da modernidade, em *A hora da estrela* observa que Macabéia, assim como muitas pessoas sem acesso a esta chave, a estes códigos de comunicação mediado, tendem a sucumbir à vivência na urbanidade. Podemos perceber que *A hora da estrela* é o último livro construído pela autora, na qual a mesma objetiva realizar uma narrativa mais próxima do realismo social. Mesmo sendo influenciada por muitos anos pela prosa poética de diversas fontes, mais precisamente a partir dos modelos estéticos encampados pelo modernismo da geração de 45, que realizam um diálogo com a narrativa mais intimista sem esquecer o contexto social a sua volta, procura fazer uma digressão acerca de uma realidade comunicativa no sentido habermasiano nas cidades, que tem como seu fundamento a cultura de uma sociedade mediada pelo signo, pela cultura escrita e pela razão.

Alguns expoentes da crítica literária diziam que seus livros em nada representam o Brasil, parecem-se livros ingleses. Dentre tantas características, Carlos Mendes, seguindo a linha de Benedito Nunes, afirma que Clarice é a primeira escritora brasileira a ter um não lugar, estes entenderam que mesmo Clarice morando em Berna, Washington, Recife, Maceió a literatura de Clarice pertence a vários lugares. Seus pais chamavam-se Pinkas e Mania Lispector, ambos foram educados dentro dos preceitos judeus e aportariam em Maceió em fevereiro de 1922, fugindo da perseguição antisemita. As influências desta atmosfera (resultado do exílio que passou) tornam-se uma das suas principais contribuições no campo literário brasileiro: a tematização do luto, as discussões sobre a singularidade humana, a rotina, bem como a desconstrução do amor romântico, a tematização do aborto, da maternidade, das relações conflituosas e dos relacionamentos amorosos. No vasto mosaico de temas que a autora trabalha, foram

percebidos aspectos notadamente marcantes: a tragédia humana, a descontinuidade na forma de sua narrativa. Por isso podemos dizer que sua narrativa é bastante importante e tematiza os excluídos, os vencidos na qual não há uma totalidade verdadeira³. Há, contudo, outro traço nordestino na sua vida e que a marcará profundamente: a sua vivência pueril em Olinda e Recife, através das relações de Clarice com o bairro judeu, com os teatros, as escolas, e os jornais.

Goethe entrou na Universidade de Leipzig em 1765, no curso de Direito. Lá ele cultivava fortes amizades e lança seu primeiro livro, *O sofrimento do jovem Werther*. Neste livro elabora uma profunda manifestação do amor romântico, também cultivava profunda simpatia pelo desenho e pela pintura. Depois de longos anos próximos do conhecimento político desenvolve fortes reflexões sobre o transculturalismo. Mesmo graduado, inicia-se, em 1770 pelo campo da literatura. Um de seus contatos mais importantes se dá com Friedrich Von Schiller, seu companheiro de residência em Weimar. O intercâmbio de ambos marca um dos momentos mais importantes da literatura alemã. O poeta estimula vivamente Goethe a concluir aquele que se tornaria seu clássico, *Fausto*.

Podemos afirmar que Goethe é o precursor de alguns preceitos fenomenológicos, além de estudar a botânica e a fauna percebe que cada área, cada tipo de conhecimento merece um estudo em separado. Bastante influenciado pelas ideias Calvinistas, nas quais o povo precisa se apropriar do conhecimento desenvolve seu famoso livro,

³ A vida de uma obra, sua redação original e suas diversas traduções estão submetidas ao que Benjamin chama de “Origem”. Este conceito para Benjamin é profundamente revolucionário na medida em que compreender a história como abertura. Quer dizer que a consagração de uma obra não tem caráter espontâneo e natural é sempre um processo violento, estranho e quase alienante, assim como as traduções se impõe ao texto. Percebe-se a força das atividades históricas mais precisamente a partir do conceito de alegoria, cunhado a partir da historicidade do símbolo. Desta forma este conceito vem destacar a efemeridade e o eterno na obra de arte. Podemos perceber de forma mais precisa essas especulações de Benjamin quando analisa o Barroco, para este a existiria uma dimensão no trágico na arte do barroco, assim como de Franz Kafka que desconstrói o significado e o sentido ao tematizar a sombra, muito próximo de Clarice, quando tematiza a morte do significado. Desta forma se faz importante a narrativa da autora na qual percebemos aspectos da realidade afetiva da mesma, mais que isso, os aspectos de luto e incompletude na criação artística. Baudelaire assim como Kafka e Clarice tematizam bastante esses aspectos, bem como o lugar do sofrimento na obra de arte. “A fragmentação do real manifestada pela alegoria também é a denúncia crítica da falsa aparência totalizante de um mundo iluminado por uma lucidez divina.” (GAGNEBIN, 43:2004)

Fausto, que irá influenciar profundamente a concepção de modernidade na qual é representada pelos sujeitos em sua ânsia e busca pelo conhecimento.

METODOLOGIA

Nas caracterizações feitas por Walter Benjamin existiu em Baudelaire traços importantes para se pensar a modernidade, e em consequência, também as cidades, pois para ele, ambas estão interligadas. Nesta perspectiva o corpus deste trabalho consiste na análise das narrativas destes dois clássicos, compreendendo-os a partir das respostas para os fenômenos sociais que os autores perceberam através do impacto que a experiência da modernidade legou a ambos os contextos sociais. Podemos perceber que mesmo bastante influenciado pelo classicismo, o escritor inaugura uma rota reflexiva sobre o mundo. O seu olhar cientificista sobre a natureza, a botânica e a arte inaugura uma nova perspectiva em torno do mundo. O seu “êxodo” na busca de se ressignificar já observando, assim como o seu próprio percurso, o desfecho do mundo, é bastante notório quando o mesmo através desta narrativa destaca o caminho incondicional para a modernidade. Certamente influenciado pelo romantismo alemão, que assim como Hegel, refletem que a relação inevitável das relações de poder existente entre vários países serão a nova pleiade do mundo. Em outro polo de compreensão, observamos que no Brasil Clarice já observa essas barreiras transculturais ao descrever as agruras que passa Macbêia por estar em um espaço praticamente ininteligível para a mesma. Descreve as batalhas emocionais da autora em sobreviver àquele espaço, e como Macabêia está um polo oposto ao de Goethe observamos que a mesma é levada mesmo que inconscientemente a sua morte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, observamos que a análise do espaço social e suas dinâmicas é um desafio para qualquer leitor ou sujeito que vivencia ou analisa o espaço urbano. Compreender as tensões imanentes na construção simbólica deste espaço precisa ser envolta de intensas renovações, que se assemelhem à dinâmica e a complexidade do espaço social. Neste sentido, este trabalho inicialmente visa discutir a partir das percepções de Walter Benjamin, acerca da compreensão das simbologias encontradas na construção do imaginário do espaço social urbano presente na obra de Clarice

Lispector, mais precisamente no romance *A hora da estrela* para investigar a relação das simbologias acerca da urbanidade e como a literatura pode expressar um enfoque elucidativo importante sobre os processos de troca de significados entre autor e leitor que venha a constituir uma reflexão da sociedade sobre as cidades. Nas caracterizações feitas por Benjamim existiu em Baudelaire traços importantes para se pensar a modernidade, e em consequência, também as cidades, pois para ele, ambas estão interligadas. Através da análise da cidade de Paris é observado em Baudelaire uma crítica subjacente ao espírito da modernidade. Logo no texto “A Modernidade e os Modernos” destaca que:

O herói é o verdadeiro tema da modernité. Isto significa que para viver a modernidade é preciso uma formação heróica. Esta era também a opinião de Balzac. Assim, Balzac e Baudelaire se opõem ao romantismo. Sublimam as paixões e as forças de decisão; o romantismo sublima a renúncia e a dedicação (BENJAMIM, 1975:10).

Nas suas caracterizações, o poeta e o operário tem o mesmo valor, são heróis diante da vida calcinante da cidade, na verdade, para Baudelaire, o poeta também é um proletário. Percebemos este mesmo paralelo nas caracterizações que Clarice Lispector faz de Macabéia, em *A hora da estrela*. Macabéia mesmo sofrendo de forte anulação, estereotipação e estigmas no espaço social que passeia é caracterizada como uma anti-heroína, subproduto da violência simbólica vivenciada nas cidades. Macabéia está desagregada e desconectada por não conhecer os códigos mínimos de comunicação presentes na cidade. Mas para Clarice, Macabéia não se encontra num “sublugar” por ser uma emigrante mulher nordestina no Sudeste, pelo contrário, na busca de tecer uma reflexão sobre o imaginário da cidade percebemos um ponto de encontro entre Rodrigo S.M (personagem narrador, e caracterizado na figura do intelectual), e Macabéia, ambos estão tentando conexão, mesmo angustiados e perdidos na “cidade”. Tanto Macabéia como Rodrigo S.M são personagens da mesma engrenagem do capitalismo e das cidades. Poeta e do proletário encontram-se nessa realidade maior e alucinante. Ambos são heróis por estar tentando se encontrar na nova conjuntura do espaço moderno.

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim,

mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?”(LISPECTOR,1977:10)

Clarice elabora um mosaico sobre as cidades e suas várias nuances e a vivência de uma população específica nos espaços urbanos: a população nordestina. Podemos destacar este um fio condutor da trama em vários aspectos, e da relação atravessada por estereótipos de classe social e estigmas que acompanham a personagem, até a sua morte. Podemos perceber uma clara semelhança com a abordagem feita por Walter Benjamin nos textos de Baudelaire a partir da efemeridade e a transitoriedade da vida, encontrada nas cidades.

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéia ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. (LISPECTOR,1977: 65)

Podemos encontrar variados trechos que aludem ao impacto da modernização para a personagem Macabéia que é representada por ser uma moça bastante influenciada pelos códigos do capitalismo. Macabéia é caracterizada como uma moça que adora Cachorro Quente e Coca-Cola, e que seus poucos conhecimentos são retirados da rádio relógio. Há um paradoxo claro na caracterização da personagem com o ambiente a seu redor. Podemos encontrar em Clarice Lispector a mesma crítica observada em Marx na medida da situação alienante que Macabéia se encontra absorvendo os valores criados a partir a industrialização no Brasil. Todas essas estereotipações apresentadas à personagem pelo fato dela ter uma origem nordestina é bastante notório no texto, no qual as relações de classes e o destaque do lugar de proletária assume uma chave importante para pensar o contexto dos cidadãos na cidade. Neste sentido, a reflexão da obra de Baudelaire feita por Walter Benjamin tem uma grande contribuição para

oferecer para a interpretação das narrativas literárias e sua interface com a realidade urbana.

A propriedade privada aliena não apenas a individualidade do homem, mas também das coisas. O solo nada tem a ver com a renda territorial, a máquina nada tem a ver com o lucro. Para o proprietário de terras, o solo significa unicamente renda territorial; ele arrenda suas parcelas de terra e embolsa a renda; uma qualidade que o solo pode perder sem perder qualquer uma de suas qualidades inerentes, sem perder, por exemplo, uma parte de sua fertilidade; uma qualidade cuja proporção, e até a existência, depende de relações sociais que são estabelecidas e superadas sem a participação do proprietário fundiário individual. O mesmo se dá com a máquina. Shakespeare já sabia, melhor do que o nosso teorizador pequeno-burguês, quão pouco o dinheiro, a forma mais universal da propriedade, tem a ver com a singularidade pessoal, e o quanto lhe é, inclusive, contraposto (...) (Marx, 2007:225)

Num caminho inverso de Macabéia, que é marcada pelo anonimato, o nascimento do “novo Goethe” também está presente na nova identidade usada: como um arquiteto em viagem pela Itália, Goethe caminha como um desconhecido, tentando desvencilhar-se de sua fama e, poder-se-ia acrescentar, também de antigas idéias. Podemos perceber que nas análises que faz das paisagens, da arquitetura do lugar elabora reflexões acerca da sua existencialidade, marcada pelas longas e pesadas digressões existenciais. Para além das observações tecidas acerca daquela paisagem e daquele aprendizado percebemos a necessidade na qual observa Goethe de compreender a literatura como algo universal. Observando os lugares mais distantes e mais inóspitos observa o inevitável processo de modernização da Itália e conseqüentemente elementos de uma vida universal, quando elenca os alicenrces arquitetônicos passados de uma paisagem mais afastada do centro, como Nápoles, e o centro da Itália, Roma. Em *Viagem à Itália* de Goethe observamos que o narrador, que é o próprio autor também esboça uma vivênica heróica a partir de seu renascimento na *Viagem a Itália*. A obra de arte, que se propõe, por um lado, comunicar as impressões do viajante, e, por outro, constituir o próprio pensamento estético.

Estava, pois, escrito na folha que me cabe do livro do destino que, ao cair da tarde de 28 de setembro de 1786, às cinco horas do nosso horário, eu, proveniente do Brenta e alcançando as lagunas, avistaria Veneza, essa maravilhosa cidade insular, essa república de castores que, logo a seguir, eu estaria adentrando e visitando. E assim foi graças a Deus; Veneza já não é para mim uma mera palavra, um

nome vazio a angustiar-me com tanta frequência — a mim, o inimigo mortal das palavras ocas. Quando a primeira gôndola chegou ao navio (elas vêm para levar rapidamente à cidade os passageiros que estão com pressa), lembrei-me de um brinquedo da minha infância, esquecido já, talvez, havia uns vinte anos. Meu pai trouxera de sua viagem um lindo modelo de gôndola; tinha-lhe grande estima, e a permissão para que eu brincasse com ele constituía grande honra*. O reluzir das primeiras proas de chapa de ferro, as gaiolas negras das gôndolas, tudo me saudou como a um velho conhecido, e eu desfrutei de uma amável sensação de juventude, ausente havia tanto tempo. Estou bem acomodado na Rainha da Inglaterra, próximo à Praça de São Marcos, e essa é a grande vantagem desse meu alojamento; minhas janelas dão para um canal estreito em meio a altas edificações; logo abaixo delas, há uma ponte em arco e, defronte, uma viela estreita e animada*. Eis onde estou morando, e permaneceré aqui por algum tempo, até que esteja pronto o pacote para a Alemanha, e até fartar-me de tanto admirar esta cidade. Desfruto agora da solidão pela qual tantas vezes suspirei ansioso, pois não há lugar onde nos sintamos mais sós do que na multidão em meio à qual avançamos inteiramente incógnitos. (GOETHE, 1999, p. 385)

O espírito contemplativo que só é possível quando há a compreensão do completo, das paisagens naturais à construção do espírito universal quando há o encontro entre consciência individual e universal. Como aponta Goethe, o conhecimento deve construir-se com os próprios objetos, na apreciação sensível e fenomenal. O espectador tem de deixar a obra de arte surgir diante dele, abandonando-se à contemplação do objeto. O livro é um dos últimos a ser construído no qual o autor faz uma rememoração da viagem que fez há mais de 10 anos. Esta atitude é realizada em consonância com todo o percurso filosófico do autor, que estuda desde a botânica às leis da natureza. Observa que o sujeito o objeto devem se entendidos juntos. Percebe que não é possível estudar todas as coisas da mesma maneira, pois os objetos possuem complexidades diferentes. Percebem que ao estudar uma rocha que ela dispunha de elementos diferentes que um quadro, ou um museu. Desta forma percebemos que nos textos goethianos há um germe das idéias do romantismo alemão o qual inaugura uma visão fenomenológica sobre a realidade. Esta atitude é encampada pelo próprio Goethe, ao passar por diferentes cidades da Itália. Ele cria palavras que venham a desenhar a relação que estabelece em diferentes países, assim como a necessidade de visitar a Itália na busca de encontrar novos sentidos, pois para ele o conhecimento e aprendizado tem uma realidade universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E agora, ao anoitecer, com o vento suave e as montanhas rodeadas por poucas nuvens, mais fixas do que atravessando o céu, o zumbido agudo das cigarras começando a se fazer ouvir logo após o pôr-do-sol, sentimos-nos afinal em casa no mundo, e não qual estivesse escondido ou no exílio. Desfruto de tudo isso como se tivesse nascido e sido criado aqui, e retornasse agora de uma caça à baleia na Groenlândia. Saúdo até mesmo a poeira desta terra. (GOETHE, 1999, p. 31).

Podemos perceber que mesmo bastante influenciado pelo classicismo, o escritor inaugura uma rota reflexiva sobre o mundo. O seu olhar sobre a natureza, a botânica e a arte inaugura uma nova perspectiva em torno do mundo. O seu “êxodo” na busca de se ressignificar já observando, assim como o seu próprio percurso o desfecho do mundo é bastante notório quando o mesmo através desta narrativa destaca o caminho incondicional para que caminha a humanidade. Certamente influenciado pelo romantismo alemão, que assim como Hegel, refletem acerca da relação inevitável das relações de poder existente entre vários países serão a nova chave, a nova pleiade do mundo. Ao descentralizar a narrativa em torno de um polo nacional de poder, enfocando a troca com outras nações, observamos a necessidade do teórico em destacar a interdisciplinaridade do conhecimento, e mesmo que bastante múltiplo, centraliza a arte como uma chave hermenêutica importante para a modernidade. O caminho inicial traçado é o mesmo que o romantismo alemão: atravessa-se o conhecimento do mundo “crível”, para a observação da realidade abstrata das nações através dos conjuntos arquitetônicos em Veneza, como também as obras de arte em Roma.

Em outro polo de compreensão, observamos que, no Brasil, Clarice já observa essas barreiras transculturais ao descrever as agruras que passa Macabéia por estar em um espaço praticamente ininteligível para a mesma. Descreve as batalhas emocionais da autora em sobreviver àquele espaço, e como Macabéia está um polo oposto ao de Goethe observamos que a mesma é levada mesmo que inconscientemente a sua morte. O renascimento observado através da atitude heroica de Goethe como também da luta de Macabéia por não deixar ser engolida por aquele contexto urbano. Neste sentido a visão de Clarice assemelha-se a de Goethe na atitude heroica a qual destaca Goethe, o mesmo o faz a partir de uma visão intelectualizada de mundo. Este através do conhecimento domina a natureza, e todas as adversidades que encontra em seu

caminho, mas necessita da atitude contemplativa para ressignificar a razão. E Macabéia, mesmo que não tenha que não seja imbuída desta atitude, através de sua posição heroica, mesmo sendo guiada pela intuição. O mundo para o Goethe é sua morada, e para Macabéia um lugar de perigo e opressão. Observamos que a chave da diferença da vivência de ambos consiste no acesso ao conhecimento, o poder o qual detém a ciência na modernidade é a chave hermenêutica para compreender a vivência das pessoas no novo espaço urbano, seja nos limites transtacionais ou dentro dos próprios limites da nacionalidade.

Reconstruindo o fazer poético, a centralidade do flaneur é apontada para a interpretação da modernidade, assim como a boêmia para a reconfiguração do herói neste espaço. A desintegração orquestrada pelo capitalismo constrói personagens deslocados no espaço urbano. É notória essa desintegração quando observamos o vestuário na cidade, as roupas opacas, neutras, turvas como também a observação de inúmeros casos de suicídio na rotina do proletário na cidade. A reconstrução do herói faz-se de uma perspectiva a aproximar-se do cotidiano, tomando a vivência da cidade como um elemento central. Além de Walter Benjamin elencar outros temas, como a arquitetura, reconstrói a ideia do herói compreendendo-o a partir do cidadão comum da cidade. Baudelaire foca na figura do poeta e do proletário como exemplo dos “heróis” da modernidade. A diferença entre estes é que há na modernidade o direito de decisão.

A modernidade deve estar sob o signo do suicídio que sela uma vantagem heroica que nada concede à atitude que lhe é hostil. Esse suicídio não é renúncia, mas paixão heroica. É a conquista da modernidade no campo das paixões. Desta forma o suicídio aparece como a *passion particulière* de *la vie moderne*, no trecho clássico dedicado a esta. O suicídio dos heróis antigos é uma exceção. “Onde se encontram suicídios nas representações da antiguidade, exceto de Hércules no monte Oeta, de Cato de Utica e Cleópatra?”. Isto não quer dizer que Baudelaire se encontrasse nos heróis modernos; é pobre a indicação sobre Rousseau e Balzac, que se segue a esta frase. Mas a modernidade prepara a matéria bruta de tais representações, e espera pelo seu mestre. Esta matéria bruta encontra-se precisamente nas camadas sociais que se destacam como fundamento da modernidade. Os primeiros esboços da sua teoria datam de 1845. Na mesma época enraizou-se nas massas trabalhadoras a ideia do suicídio. “Briga-se pelas reproduções de uma litografia que representa um operário inglês que se suicida pelo desespero de não poder ganhar o pão de cada dia. Um operário vai até a casa de Eugene Sue e ali se enforca; na sua mão encontra-se um papel: 'Pensava que a morte seria mais fácil morrendo

na casa da pessoa que nos defende e que gosta de nós. (BENJAMIN, 1975:13)

Sob esta citação compreendem-se o lugar de Goethe e Macabéia, ambos tentando encontrar-se na nova ordem encampada pelo capitalismo. Desta forma podemos perceber a atualizadade do pensamento Benjaminiano que procura compreender o processo de desintegração orquestrado com a chegada da globalização. Desta forma percebemos o regresso a atitude contemplativa de ambos, a postura que tenta suplantar a animosidade do capitalismo, desta forma através da literatura, esboçam caminhos para a superação dos dilemas da modernidade.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. Goethe. In: BENJAMIN, W. *Ensaaios reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estud. av.*, 2013, vol.27, no.79, p.133-144.
- PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Memórias, histórias e representações sociais do bairro de Vila Isabel e de uma de suas favelas (RJ, Brasil), *etnográfica*, vol. 13 (1) 2009, 77-102.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 23a . edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Trad. H. K. M. Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1975.
- KARLK, Marx. *A ideologia alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- GOETHE, J. W. *Viagem à Itália*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999.
- ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

